



etraria

Uma Arte Medieval

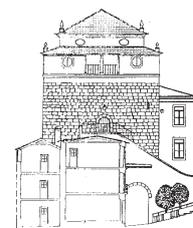
Catálogo da Exposição

19 de Junho a 3 de Julho de 1998

*Arquivo Histórico Municipal
Torre de Almedina*



MCMXCVIII



Apresentação

Nesta edição da Feira Medieval de 1998, em Coimbra, as entidades promotoras e organizadoras deste evento seleccionaram a Falcoaria para tema desta manifestação cultural singular.

A Câmara Municipal de Coimbra, através do Arquivo Histórico Municipal, associa-se a este acontecimento, organizando conjuntamente com a Falcoaria da Coudelaria de Alter, uma exposição documental e iconográfica sobre esta arte dos tempos medievos, praticada até ao século XX.

Pretende-se sensibilizar os cidadãos para esta modalidade de caça, dita ecológica, que defende o meio ambiente e preserva as espécies de rapina (outrora abundantes), como parte essencial para o equilíbrio do ecossistema.

Pretende-se também divulgar o Arquivo Histórico, como espaço cultural de características únicas na cidade de Coimbra, com documentação e edifício, que remontam à Idade Média, que a feira, realizada no Largo da Sé Velha, evoca.

A exposição intitula-se “Cetraria: uma arte medieval” e está patente ao público do dia 19 de Junho a 3 de Julho, na Torre de Almedina, antiga torre de vigia sobre uma das portas da muralha da cidade de Coimbra, utilizada entre os séculos XVI e XIX como Paços do Concelho, servindo actualmente de sede ao Arquivo.

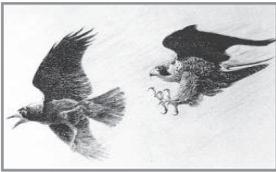
O termo latino “Cetraria” é definido por Diogo Ferreira,





mestre falcoeiro português, autor de um célebre tratado intitulado *A Arte da Caça de Altanaria*, como:

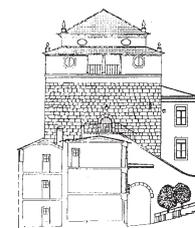
“*Sciencia de caçar com aves de rapina, e sabel-as curar, preservando-as a que não adoeçam e doentes saber-lhes aplicar os remédios, assim aos males de fora como as enfermidades interiores*”.



É esta forma de caça, praticada pelos nossos primeiros soberanos, que se documenta com o recurso à reprodução de iluminuras, pequenos retratos do quotidiano medieval, com textos coevos que se transcreveram para tornar mais acessíveis ao público, com gravuras sobre as espécies usadas na falcoaria, e com a apresentação de diversos acessórios e utensílios desta actividade cinegética. Os objectos e peças foram gentilmente cedidos pela Falcoaria da Coudelaria de Alter, onde esta actividade é hoje praticada. Mostram como o saber e as técnicas medievais são ainda apreciadas e utilizadas numa era de tecnologias de ponta.

O exercício da caça na época medieval é geralmente associado à nobreza. Todavia, outras camadas sociais também se lhe dedicavam, sobretudo o estrato popular. Os seus objectivos eram diferentes: enquanto a população rural praticava a caça por razões de índole económica, como forma de complemento da sua magra subsistência, como defesa dos seus campos de cultivo que as espécies florestais ameaçam, ou como profissão vendendo os produtos aprisionados (a carne e as peles), a nobreza encarava-a como uma ocupação dos tempos de ócio, uma preparação para a guerra em tempo de paz.

Esta oposição de valores entre a caça económica, de defesa contra os “invasores” do espaço agrícola e a caça de “desenfado”, que denominariamos de desportiva, praticada pelos reis e pela aristocracia militar, estará sempre presente na época medieval. Este problema está na origem de muitas queixas dos concelhos aos seus monarcas como é exemplo o pedido dirigido a D. Fernando, em 1372. O concelho de Coimbra invoca nas Cortes do Porto, os grandes danos causados pelos porcos monteses e pelos veados nos campos de “pam e vinhos que erom cousas per que se o nosso regno mentynha” solicitando autorização para os poder caçar.



Enquanto as batidas aos lobos eram frequentemente praticadas pela população sempre que ameaçada sem grande oposição dos soberanos, o mesmo já não acontecia com outras espécies como o javali, o veado ou a perdiz. Estas estavam reservadas ao rei e nobreza que as defendiam nas grandes coutadas.

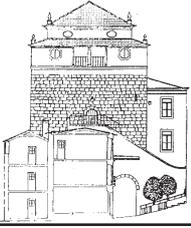
A caça praticada pelos nobres era feita a cavalo, perseguindo-se a presa até a encurralar para a capturar, ou combater. Não eram usadas armadilhas, nem armas de tiro, como a besta, consideradas vis. Pelo contrário, esses expedientes eram usados pelos caçadores profissionais e pelos caçadores furtivos e pelos estratos mais pobres da população.

A regulamentação e fiscalização da actividade venatória foi desde muito cedo preocupação dos monarcas levando-os a instituir os cargos de Caçador-mor e de Monteiro-mor e a elaborar diversos diplomas legais. O mais antigo que se conhece é a Lei da Almotaxaria de 1253, que refere já a prática da altanaria e toma diversas medidas para a protecção dos falcões e açores, impedindo a sua caça e captura de ovos dos ninhos, durante o período de reprodução.

Um alvará de D. Afonso V de 1468 estabelece graves penas para os que caçassem perdizes com boi¹, rede ou candeio². Uma provisão de 1499 proíbe que se matem pombas com besta, negaças e outras armadilhas. Estas espécies eram reservadas para as classes privilegiadas.

Na documentação régia do fundo do Arquivo Histórico Municipal de Coimbra há vários ecos destas medidas: um Alvará de D. João III, de 1524, que manda que se cumpram as posturas municipais de Coimbra aos que matam pombas nos concelhos de Montemor-o-Velho, Tentúgal e Ega³. Assim “qualquer pessoa que for achada nesta cidade e termo a caçar com redes ou outras quaisquer armadilhas às ditas pombas, ou lhe forem achadas as ditas pombas pagará por cada vez que for achado, ou se lhe provar, dez cruzados e perderá as armadilhas, metade para a cidade e a outra para quem os acusar.





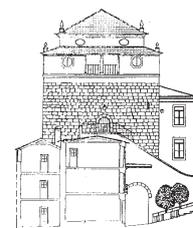
E a pessoa que com besta ou espingarda ou qualquer coisa matar pomba estando no pombal ou ao redor dele um tiro de besta pagará qualquer mil reis de cadeia e a mesma pena pagará qualquer pessoa que matar pomba mansa”⁴.

Na nomeação do Couteiro da Cidade, oficial encarregue de vigiar a prática da caça no termo, em 1571⁵, faz-se também menção da proibição de caçar perdizes, lebres, coelhos, codornizes, com armadilhas, furões e cães de mostra.



A instituição dos cargos de Caçador-mor do reino e de Monteiro-mor exprime as duas formas de caça a que a nobreza se dedicava: a caça de altanaria, cetraria ou volataria e a caça de montaria. A primeira diz respeito à caça com aves de rapina adestradas de que se ocupava o Caçador, ou Falcoeiro-mor que segundo António de Vilas Boas, na Nobiliarquia Portuguesa, “dá a luva a el rei, põe-lhe o falcão na mão e vai a seu lado” para a caça, superintendendo em todos os preparativos dessa actividade e fiscalizando a sua prática em todo o território, nomeando os Meirinhos e Guardas do Campo para as várias comarcas. A estes últimos cumpria a execução de regimento da caça de altanaria impedindo que se caçassem falcões no período de defeso “do primeiro dia do mes de Agosto de cada hum anno athee ho primeiro dia de Fevereiro do anno seguinte” e “que os passareiros e cassadores que tomarem as ditas aves os não possam vender a pesoa alguma sem primeiro as trazerem perante mym [Meirinho] pera as ver e escolher as que forem mais suficientes pera ho servisso do dito senhor [Caçador-mor]”⁶.

Na região de Coimbra eram caçados falcões e seguramente exercida também esta prática venatória desde épocas recuadas. Mas não era só o rei que através dos seus meirinhos adquiria nesta região os seus exemplares, outros grandes senhores tinham também esse privilégio. O duque de Bragança e Guimarães, D. Teodósio I, bisavô de D. João IV, tem aqui em Taveiro um caçador particular, Bastião Martins, que recomenda à Câmara em 1533.⁷.



Poderiam ser falcões nebris as espécies caçadas, que Diogo Ferreira diz virem “invernar aos campos de Santarém, Mondego, Évora e Beja”.

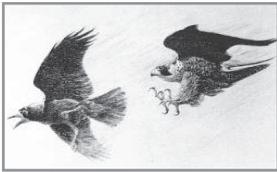
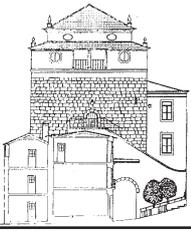
A caça altaneira era um privilégio de reis e nobres, rigorosamente controlado por estes e vedado a outras camadas sociais.

Este prazer dos reis pela caça é patente nos nossos soberanos da primeira dinastia. Num documento de D. Sancho I, datado de 1210, dirigido ao bispo de Coimbra isentando o clero de participar em expedições guerreiras, (a não ser contra os mouros), o rei diz que não dêem acolhimento em suas casa aos seus açoreiros, falcoeiros e besteiros.⁸, o que além de nos demonstrar a prática da cetraria no século XIII, poderá também querer significar a sua limitação ao exercício régio vedando-a ao uso do clero.

Guilherme Riley na sua argumentação sobre a caça medieval⁹ cita os cronistas que diziam que D. Afonso IV tomava a caça por “ofício” e o governo do reino por “passatempo” e D. Pedro para conciliar esse prazer com o exercício da governança elabora instruções para serem resolvidos os negócios do reino durante as sua ausências nas caçadas.

D. Fernando é o mais conhecido aficionado da caça de altanaria, ficando-nos a memória dessa sua paixão nas crónicas de Fernão Lopes. Este seu gosto tê-lo-á levado a encomendar a redacção de um tratado de cetraria a Pero Menino, um dos falcoeiros, que o acompanharia nas caçadas. Este tratado no seu original está perdido. Tem-se conhecimento dele pelas cópias seiscentistas que chegaram à actualidade e pelas notícias que sobre este livro ficaram em obras de autores seus contemporâneos¹⁰. Por este texto sabe-se também que Pero Menino não seria o primeiro a escrever um tratado desses. Menciona-se nele o livro de João Martins Perdigão, falcoeiro expedito de D. Dinis, livro que Pero Menino diz conhecer.



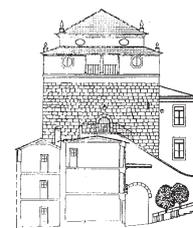


A grande importância e protecção dada aos falcões é patenteada nestes primeiros escritos de veterinária pela menção de numerosas especiarias entre as suas receitas como é o caso do tratado de Pero Menino, onde se encontra a canela, a noz da Índia, o incenso, os cravos girofes, o açúcar entre outras, e isto antes dos Descobrimentos, altura em que estes produtos eram raros e caros no ocidente trecentista.

*A necessidade de registar todos os ensinamentos relativos ao exercício da arte cinegética vai dar assim origem à redacção de diversos tratados encomendados por monarcas e grandes senhores, ou mesmo redigidos pelos próprios reis. Frederic II de Hohenstauffen redige o tratado *De Arte Venandi Cum Avibus*, no século XIII. Deste maravilhoso manuscrito ricamente iluminado seleccionámos algumas imagens para esta exposição.*

*Mas há mais exemplos de outros soberanos que se dedicaram a escrever sobre a caça, Afonso XI de Leão e Castela é autor do *Libro de la Montería* e o nosso D. João I redigirá também o seu *Livro da Montaria*. Estes dois soberanos referem-se à outra forma de caça que não é o tema central desta exposição, a montaria. Esta sim era uma verdadeira preparação para as actividades bélicas. Permitia aos soberanos ter os seus guerreiros activos e bem treinados para o combate ao privilegiar as técnicas da perseguição à presa: javali, urso, veado, símbolo do inimigo, preparando-os para o combate final corpo a corpo. A isto se refere D. João I no seu livro dizendo que a montaria é necessária “aos que com armas aviam de defender a terra ensinando os a averem boõ folego... serem ligeiros e averem braçaria... ferir bem de todallas armas, que se de sobremão ferem... saberem ferir de justa... serem bem avisados... cavalgar bem... aver boa força¹¹”.*

A Cetraria arte antiga de origem oriental será introduzida nos países mediterrâneos por influência árabe e terá a sua época de ouro na dinastia de Borgonha, cujo soberano paradigmático será D. Fernando. Mas as crises de finais de quatrocentos fá-la-

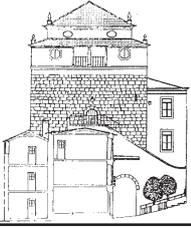


-ão passar para segundo plano face às necessidades de defesa do reino contra o inimigo vizinho. Retomará o seu esplendor nas cortes de D. Afonso V, D. João III e D. Sebastião que mandará redigir o Regimento da Caça. Mas a derrota de Alcacer Quibir e a perda da independência faz esquecer as grandes caçadas com falcões, dos tempos de paz, que Diogo Ferreira tentará ressuscitar, com um certo saudosismo, ao escrever a *Arte da Caça de Altanaria*, em 1616, em plena época filipina, dedicando-a ao Marquês de Ferreira e Conde de Tentúgal. É a nossa melhor obra deste género apreciada no meio cinegético e muito traduzida para outros idiomas. Em 1643, D. João IV extingue o cargo de Caçador-mor, pois os esforços com a guerra não permitem gastos sumptuários, passando o cargo a ser superintendido pelos monteiros- mores. Esta arte cinegética entra em decadência e só ressurgirá nas corte de D. João V com o Paço de Salvaterra de Magos, e a pompa e o cerimonial característico da época barroca e com o recurso ao saber dos falcoeiros holandeses e dinamarqueses que o rei contrata, o que demonstra que esta actividade estava esquecida no país.

De Salvaterra de Magos ao Século XX, as práticas cinegéticas mudaram muito. Os caçadores dispõem de armas de tiro de grande precisão e alcance, as aves de rapina são aves em vias de extinção, que as leis e regimentos de agora tentam proteger sem muita eficácia. A cidade estendeu-se pelo campo, a agricultura ocupou o espaço da floresta. Alteraram-se radicalmente os objectivos que a caça pretendia atingir. Hoje o carácter lúdico desta actividade está bem presente. Mas a arte da Cetraria pouco mudou em si, e a maior riqueza é ainda poder proporcionar o contacto do homem com a natureza e com uma das suas espécies mais nobres: **o falcão**.

Como nota final não podemos deixar de agradecer a todos os que tornaram possível esta exposição: ao Dr. Carlos Crespo

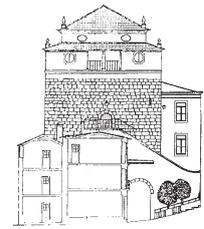




e ao Serviço Nacional Coudélico, os nossos agradecimentos pela disponibilidade, colaboração e cedência de materiais e textos; às entidades que organizam a Feira Medieval, que convidaram o Arquivo para participar nesta edição de Coimbra Medieval, nomeadamente à ADDAC, à Imagoteca, da CMC, o nosso apreço pela valioso auxílio na reprodução das imagens, às Técnicas Adjuntas do Arquivo Histórico, D.^a Eufémia e D.^a Fernanda, que desde início se empenharam neste projecto, e por último à família e aos amigos que com a sua paciência e carolice muito portuguesas nos apoiaram e ajudaram a contornar as dificuldades da falta de condições do Arquivo. Para todos o nosso Muito Obrigado.

Coimbra, Junho, 1998

Paula França
Arquivista.



AS AVES DE CAÇA

Espécies nobres da Cetraria Clássica

As aves de caça constituem um grupo de espécies com características bem definidas que em linguagem cetreira recebem o nome de “aves nobres”. A natural faculdade para apresar, a agressividade, a valentia, a velocidade e a força, são alguns dos atributos das aves deste grupo. Distinguem-se de outras aves de rapina, ditas “ignóbeis”, onde se incluem dezenas de espécies rapaces, que ao longo da evolução desenvolveram distintas faculdades para procurar o alimento e se especializaram sobre determinados leques alimentares, tendo cada espécie desenvolvido técnicas próprias, incluindo a pesca, a caça noturna, os hábitos necrófagos, ou mesmo dietas exclusivamente necrófagas.

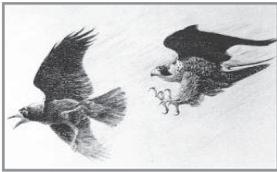
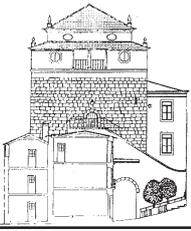
*As aves nobres de cetraria constituem, pois um grupo reduzido de espécies do qual distinguimos duas grandes linhagens: “as aves de alto-voo”, pertencentes ao género **Falco**, e “as aves de baixo-voo”, pertencentes ao género **Accipiter**.*

*São também utilizadas em cetraria, embora excepcionalmente, algumas espécies do género **Aquila**.*

*Em todas as aves de presa existe um marcado dimorfismo sexual. As fêmeas de todas as espécies são maiores que os machos, recebendo na nomenclatura cetreira o nome de **primas**, por serem sempre as preferidas para a caça. O macho recebe o nome de **treçó** por ter, sensivelmente, um terço do peso da fêmea..*

Este tão marcado dimorfismo sexual, contrário ao da maioria das espécies de aves e de mamíferos, em que o macho é invariavelmente maior, foi determinado pela evolução e explicado de forma esclarecedora por Diogo Ferreira na sua obra sobre a Caça de Altanaria, publicada em 1616:





“ Assim proveo a natureza as aves de rapina, sabendo que as mães são as que mais amam os filhos, pelo que fez as fêmeas mais animosas e maiores de corpo, e mais voadoras e de mais força que os machos, para que com as azas alcançassem as outras aves e com as forças as derribassem, e com as unhas garras e bico as poderem facilmente matar . E sendo as aves grandes tivessem forças para as poderem levar ao ninho d’onde estão os filhos que há-de manter e criar, pelo que os machos nas aves de rapina são mui pequenos e fracos, d’onde veiu aquele adagio antigo dos caçadores: *Ave treçuela ni mata, ni buela*”.

Alto-voo e e Baixo-voo: duas técnicas de caça

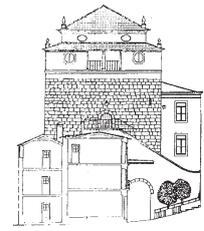
Alto-voo

É a mais espectacular das modalidades de voo de caça em que se utilizam normalmente falcões.

A ave é largada do punho para o ar para que “remonte”, isto é, para que ascenda sobre o terreno de caça até se colocar alto, onde aguardará, descrevendo círculos, ou “tornos”, que a peça de caça seja levantada pelo falcoeiro, normalmente com a ajuda de cães.

É também designado lance de “altanaria”, ou “voo de espera”. O ataque é realizado em rapidíssimo voo descendente, no qual o falcão intercepta a presa, “preando” no ar, ou derribando a presa ao chão.

Os lances de altanaria praticam-se em grandes espaços abertos e caçam-se voláteis, ou espécies de pena (patos, sisões, faisões, perdizes, pombos, etc.)



Baixo-voo

Modalidade de caça na qual se utilizam açores, gaviões e algumas espécies do género aquila.

A ave é lançada do punho enluvado do falcoeiro no encalço da peça de caça, quando esta já se encontra em voo, ou em corrida. A ave caçadora realiza um voo de sprint, descrevendo uma trajectória recta da luva até à presa, de pelo, ou de pena, sendo por isso também chamado “lance à vista”, ou ainda “lance a braço-tornado”.

Sala do Senado

Vitrine 1

OS FALCÕES AVES DE ALTO-VOO

“O Sacre com chuva, o gerifalte com vento, o nebri com bom tempo”

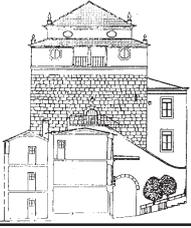
Fig. 1 Falcão Sacre

Falco Cherrug

O falcão sacre é um falcão das regiões desérticas e das estepes da Europa Oriental, Ásia Central e Médio Oriente.

É a mais primitiva e a mais rústica de todas as espécies de falcões. Os falcões sacres são menos ágeis e velozes que outros falcões. Em compensação são dotados de grande força, persistência e valentia.





A sua plumagem é parda, de tons ocráceos, menos vistosa que a dos restantes falcões. O seu tamanho está entre o gerifalte e o peregrino, podendo as fêmeas atingir mais de 1kg.

Foi uma espécie largamente divulgada na Cetraria medieval. É ainda hoje a ave tradicional da falcoaria dos países árabes.

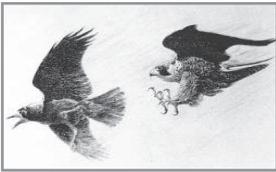


Fig. 2 Falcão Gerifalte

Falco rusticolus

Os gerifaltes são falcões da região circumpolar ártica. São os maiores, os mais vigorosos e os mais belos de entre todos os falcões.

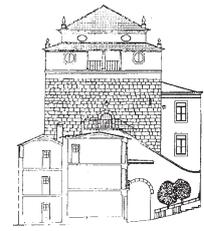
Na Idade Média foram considerados verdadeiras jóias e nalguns países a sua posse e utilização na caça foi considerada uma prerrogativa real. Caracterizam-se pelo seu grande poder de ascensão vertical “subir sobre a cauda”, pela grande manobrabilidade no voo de perseguição. As fêmeas, maiores do que os machos, podem atingir mais de 1,5 kg de peso, o que lhes permite aprisionar presas de grandes dimensões. A sua plumagem varia do cinzento escuro até ao branco puro. Os mais apreciados eram os “letrados”, assim chamados por terem a plumagem com pequenos pontos negros à maneira de letras. Estes grandes falcões eram aprisionados na Islândia e frequentemente ofertados pelos reis da Dinamarca aos monarcas do sul da Europa.

Fig. 3 Falcão Peregrino

Falco peregrinus

O falcão peregrino é considerado o “Príncipe das aves de caça”, sendo uma das espécies mais apreciadas para os lances de altanaria devido à velocidade dos seus ataques em voo picado.

Deve o seu nome “peregrino” aos hábitos nómadas e às suas peregrinações errantes, sobretudo na fase adolescente. Está representado por numerosas subespécies em todos os continentes. Na falcoaria medieval destacaram-se as seguintes subespécies de falcões peregrinos:



Falcão Bafari, ou Baarii (*falco peregrinus brokey*) - Expressão árabe que significa marinho, ou costeiro. Nome dado na nomenclatura ceteira à subespécie ibérica do falcão peregrino, sendo uma das aves com maior tradição peninsular.

Falcão Nebri (*falco peregrinus peregrinus* e *falco peregrinus calidus*) - Termo português antigo que designa as subespécies de falcões peregrinos da Europa do Norte. A plumagem destas aves é mais clara e contrastada evidenciando uma grande beleza. Além disso, os falcões nebris são maiores e mais pesados que os peregrinos ibéricos, motivo pelo qual eram tidos em grande apreço pelos falcoeiros da Europa do Sul.

Falcão Tagarote (*falco peregrinus pergrinoides*) - Termo que designa a subespécie do falcão peregrino do Norte de África, também conhecido por falcão da Barbéria. Eram trazidos para a península pelos mercadores do mediterrâneo, sendo o mais pequeno representante da espécie.

[Corredor]

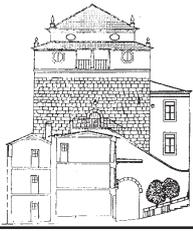
Falcão Lanário

Falco biarmicus

São falcões pré-desérticos, parecidos com os sacres mas de menor envergadura. Eram normalmente utilizados como “atalaias”, levados sem caparão a fim de detectarem à distância as presas no terreno, sobre as quais eram depois lançados os sacres, os peregrinos e os gerifaltes.

Os falcões lanários são também aves muito rústicas, capazes de viver nos meios mais agrestes. Pela sobriedade do seu regime alimentar, dizia-se na Idade Média que eram falcões próprios para escudeiros. Destacam-se duas subespécies de lanários muito difundidos na cetraria medieval:





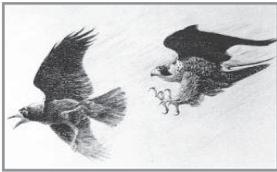
14

ahmc

E x p o s i ç ã o

Falcão Borni (*falco biarmicus feldeggii*) - subespécie europeia do falcão lanário.

Falcão Alfaneque (*falco biarmicus erlanggerii*) - subespécie ocorrente no Norte de África.

**Falcão Esmerilhão***Falco columbarius*

É o mais pequeno dos falcões de caça, cujo peso raramente excede os 300g. Apesar do seu diminuto tamanho, o falcão esmerilhão é muito veloz e acrobático, sendo dotado de extraordinária valentia, o que leva a atacar presas de muito maiores dimensões como perdizes e alcaravões.

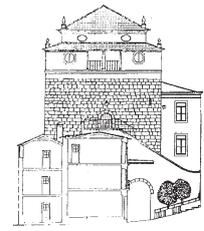
Por ser pequeno era muito utilizado por senhoras, e principiantes para a caça à codorniz, cotovia e outras pequenas aves. A sua nidificação ocorre no Norte da Europa e Ásia, visitando a Península Ibérica durante os meses de inverno, altura em que era aprisionado pelos falcoeiros medievais.

C e t r a r i a

Vitrine 2

AS AVES DE BAIXO-VOO**Fig. 4 Gaviões***Accipiter nisus*

O gavião é como uma miniatura de açor. Foi talvez a ave mais popular da cetraria medieval. “Ave de Porcelana” assim lhe chamavam por ser bonito e frágil. De facto o seu adestramento e manuseamento são delicados devido ao seu carácter nervoso e assustadiço.



Apenas a fêmea era utilizada para a caça, por ser maior do que o macho. Mesmo assim raramente excede os 300 g de peso . O gavião é um exímio caçador que se alimenta quase exclusivamente de aves, atacando todos os voláteis de tamanho igual, ou inferior à perdiz. A sua presa clássica é o melro, e a sua caça é considerada das mais desportivas.

É uma espécie sedentária e frequente nas áreas do território nacional.

Fig. 5 Açor

Accipiter gentilis

O açor é a ave clássica da caça de Baixo-voo. Foi uma das espécies mais utilizadas na cetraria antiga, em período anterior às cruzadas.

Os gregos denominavam esta ave por “astéria”, estrela luminosa, por causa da íris amarela doirada dos seus olhos, de cujo vocábulo procede o latino astur e o português açor.

Os açores são caçadores implacáveis. Caçam partindo da luva do falcão em perseguição directa sobre as presas. As perseguições são curtas, porém rápidas, impetuosas e eficientes.

A sua anatomia é distinta dos falcões. São aves florestais, de asas curtas e arredondadas e “leme” longo, o que lhes confere grande capacidade de manobra em voo.

Caçam indistintamente à pena e ao pelo, tanto em terrenos abertos, como em zonas arborizadas .

As fêmeas, maiores do que os machos, podem atingir mais de 1,5 kg de peso, sendo as mais apreciadas para o voo da lebre. É uma espécie sedentária que habita as áreas florestais de toda a Península Ibérica.



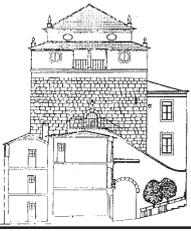
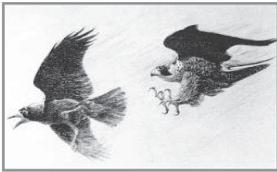


Fig. 6 Açor das pombas,
Accipiter gentilis



Vitrine 3

A ARTE DA FALCOARIA EM ILUMINURAS MEDIEVAIS

O Tratado *De Arte Venandi cum Avibus*, de Frederic II de Hohenstauffen, é um manuscrito de 1247, cuja cópia datada de 1318, possui diversas iluminuras sobre o adestramento das aves de presa.

Biblioteca Nacional de Paris

Fig. 7 O falcoeiro acalma a sua ave oferecendo-lhe a recompensa.

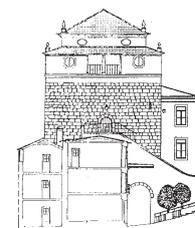
Fig. 8 Como colocar a ave no punho.

Fig. 9 Montar a cavalo segurando a ave no punho.

Fig. 10 O transporte do falcão protegendo-se a sua plumagem e imobilizando-lhe as asas.

Fig. 11 Forma de prender o falcão com a avessada. à argola do banco.

Fig. 12 Como colocar o falcão na alcândora executando o nó da avessada.

**Vitrine 4**

Outro Tratado profusamente iluminado é *Le Livre du Roy Modus et de la Royne Ratio*, atribuído a Henri de Ferrières, datado de 1379, a que pertencem as iluminuras que se seguem:

Biblioteca Nacional de Paris.

Fig. 13 Os primeiros voos do falcão.

Fig. 14 O falcoeiro ajusta o caparão da sua ave, enquanto outro a acaricia com uma pequena vara.

Fig. 15 A caça ao pato bravo com o falcão.

Fig. 16 O ensino da falcoaria: o rei Modus e os seus alunos.

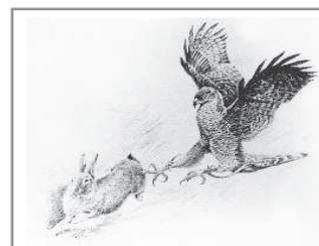
ILUMINURAS DE CÓDICES PORTUGUESES

*Fig. 17 A pomba e o falcão, símbolos da vida contemplativa e da vida activa representados no, **Livro das Aves**, atribuído a Hugo de Folieto, códice em pergaminho, manuscrito datado de 1138 do Mosteiro de Lorvão.*

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Fig. 18 Falcoeiro a cavalo e dama, Missal em pergaminho, manuscrito do século XV, do Mosteiro do Lorvão.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.



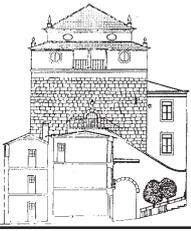
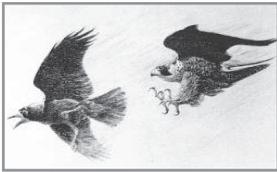


Fig. 19 Falcoeiro numa iluminura do códice em pergaminho, *Sophiologium cujus finis est amare sciencias et virtutes*, de Frei Jacob Magnus, manuscrito do século XV, que pertenceu ao Convento de Xabregas.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.



Vitrine 5

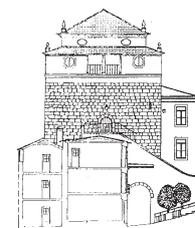
A CAÇA DE DESENFADO E A CAÇA DEFENSIVA

Fig. 20 Índice da *Crónica de el rei D. Pedro e de seu filho D. Fernando*, de Fernão Lopes.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Crónica de el rei D. Fernando

“Era ainda El rei Dom Fernando muito caçador e monteiro, em guisa que nenhum tempo aazado pera ello leixava que o nom husasse . A hordenança como el partia o ano em taaes desenfadamentos, contado todo pelo meudo seria longo d’ouvir ca el mandava chamar todos seus monteiros no tempo pera ello pertemçente e nom se partiam de sua casa ataa que os falcoões sahiam da muda, e entom, desembargados, hiamsse pera hu viviam e viinham os falcoeirose outros que de fazer aves tiinham cuidado. Elle trazia quarenta e cinco falcoeiros de besta, afora outros de pee e moços de caça e dizia que nom avia de folguar ataa que poboasse em Santarem huuma rua em que ouvesse çem falcoeiros. Quando mandava fora da terra por aves, nom lhe tragiam menos de cinquenta, antre açores e falcoões nevrís e girofalcos, todos primas. Com elle amdavom mouros que aprazavam garças e outras aves, e estes nadavom os peegos e apahues, se os falcões cahiam em elles. Quando el Rei hia aa caça todallas



maneiras d'aves e caães que se cuidar podem pera tal desenfadamento todas hiam em saa companhia em guisa que nehuuma ave grande nem pequena se levantar podia, posto que fosse grou ou abetarda, ataa o pardal e pequena follosa, que ante que suas ligeiras penas a podessem poer a salvo, primeiro era presa de seu contrairo, nem as simpreses poombas que a nenhuum fazem empeeçimento, em semelhante caso eram isemtas de seus inimigos.

Pera coelhos, raposas e lebres e outras semelhantes salvajeens monteses, levava el Rei tamos caães de seguir suas pegadas e cheiro que nenhuuma arte nem multidoem de covas lhe prestar podia que logo nom fossem tomadas. E porem nunca el Rei hia alguuma vez à caça que sempre em ella nom houvesse grande sabor e desenfadamento.”

Fig. 21 Iluminura do Cancioneiro de Manesse, de 1268, mostrando o rei Konrad a caçar acompanhado do seu Falcoeiro.

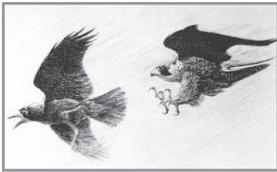
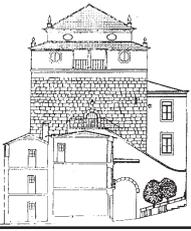
Biblioteca da Universidade de Heidelberg.

Doc. 1

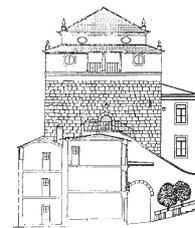
1372 Julho, Porto - *Carta de dezanove artigos de agravamentos gerais, resposta dada ao concelho de Coimbra dos pedidos apresentados nas Cortes realizadas no Porto. Entre os pedidos dos povos a el rei D. Fernando constava um para que pudessem matar os porcos monteses e veados que fossem achados a fazer dano nos terrenos agrícolas. Caderno de doze folhas de pergaminho cosidas, com selo pendente de cera, protegido por saco de couro e suspenso por fita de nastro branco.*

AHMC/Col: Pergaminhos Avulsos, nº 21





“[...] Item Ao que dizem nos xb artigos que huum dos grandes agravos que reço o noso poboo foy e he rayom dos porcos monteses e dos veados que fazyam danos em pam e em vynho que erom cousas per que se o noso regno mentynha, ca nenhuum com reço de vos e com temor nom os ousavam a matar e que tanta era a multydom deles que ja muitas aldeas e casaaes dos nosos regnos erom despobrados e que outros muitos estavam em paso per que sse despobrarem e que nos pedira o noso poboo que os mandasemos descoutar e que diseramos e responderamos a elo que nos declarasem as matas e logares que foram coutadas per El Rey Dom Afonso noso avoo e pelos reis que dante foram e fossem a nos e lhes fariamos mercee pelo qual em spaso que assy deramos fora grande parte da nossa terra danada deles e que ora pois a Deus prouguera de viir por nolo dizerem que nos pediom per mercee que quisessemos hoolhar per ello e mandasemos que matasem sem reço os dictos porcos hu quer que os achasem e hu veessem fazer dano e que as matas que nosa mercee fosse de coutar e as que foram coutadas pelos reis dante nos que as declarassem quaes e quantas erom e que nos e os nosos monteiros aviamos rayom de o saber e hu era mays nosa voontade de correr monto e defendesemos aos infantes e mees- tres e priores e aos outros grandes senhorios que nom fizessem outras coutadas nem embargasem aaqueles que os matar quisessem e que por esto e por outras mercees que fazemos aos nosos poboos guaanhariamos os corações deles e deste artigoo respondemos e dizemos que nos nom defendemos que nom matem estes porcos salvo em nos logares em que forem coutados per El Rei noso padre e em nos outros logares dizemos que nom possemos defessa.[...]”



Vitrine 6

A CAÇA NA REGIÃO DE COIMBRA

Doc. 2

1516 - Foral atribuído à cidade de Coimbra por D. Manuel tendo um capítulo dedicado às espécies caçadas para venda que estavam isentas de portagem: *coelhos, lebres, perdizes, patos, adães, pombos, galinhas.*

AHMC/ Foral, 1516.

Fig. 22 Cenas de caça de montaria e altanaria, ilustram o mês de Dezembro do Calendário do Livro de Horas de D. Manuel.

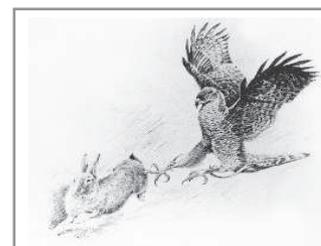
Museu Nacional de Arte Antiga.

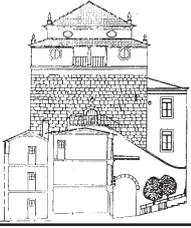
Doc. 3

1533 Outubro, 8, Évora - Registo da carta do Duque de Bragança e Guimarães [D. Teodósio] nomeando seu caçador Bastião Martinez, morador em Taveiro “pera lhe tomar falcões e aves e caça” na região do Mondego.

AHMC/ Registo, vol. 1, fl. 149v

“ Eu o Duque de Bragança e Guymarães, etc. faço saber aos que este vyrem que eu tomo ora por meu caçador pera me tomar falcões e aves e caça a Bastião Martinez morador em Taveyro ho qual fica asentado em meus lyvros pello que roguo muito aos fidalgos, corregedores, juizes e justiças d’El Rey meu Señor e has minhas em minhas terras mando que como a meu criado ho traudem honrrem e favoreçam sem lhe fazer nem consentir ser feito nenhum agravo





nem sem rezam e deso asy fezerem receberey prazer e do contrayro me pesarom e por [...] dello lhe mandey dar este por mym asynado. Feito em Evora aos oyto dias do mes d’Outubro. Antonio Govea ho fez, de I bc xxxiij.”

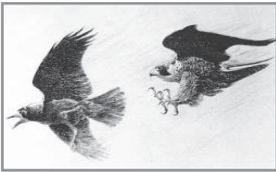


Fig. 23 O falcoeiro e a sua dama ilustram o mês de Maio do Calendário do Livro de Horas de D. Manuel. As tarjas envolventes apresentam motivos de caça com falcões e um cortejo fluvial.

Museu Nacional de Arte Antiga.

Vitrine 7

OS CARGOS DE COUTEIRO DA CIDADE E DE MEIRINHO E GUARDA DOS CAMPOS

Doc. 4

1571 Abril, 10, Lisboa - *Registo da carta do ofício de Couteiro da cidade de Coimbra concedido a Aires Gonçalves de Macedo para que impedisse* “ que pessoa allgua de quallquer callidade que fose não matase nem cacase perdizes lebres nem coelhos nem codornizes com boy nem com cão de mostra nem com fios nem com redes nem com perdiguão ou perdizes de chamado nem com cães nem com galgos e forois nem com besta nem com outra armadylha” *aplicando-lhes as penas declaradas neste documento.*

AHMC/ Vereações, 1571-1572, fl. 55v.

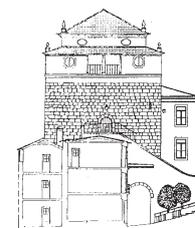


Fig. 24 Dois falcoeiros prestam homenagem ao seu rei, iluminura do tratado *De arte venandi cum avibus*.

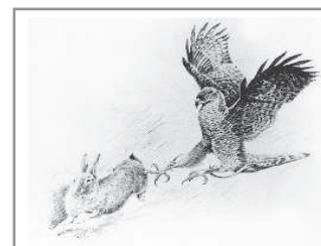
Biblioteca Nacional de Paris.

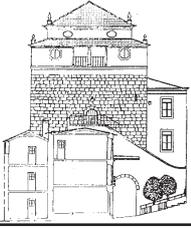
Doc. 5

1585 Dezembro, 16, Lisboa - *Registo da carta de nomeação de Christovam Ferreira de Vasconcelos para Meirinho e Guarda dos Campos de Coimbra e sua Comarca que incluía Tentúgal, Montemor-o-Velho, Formoselha, Santo Varão, Pereira e Arzila, dada pelo Caçador e Couteiro Mor do Reino D. João Coutinho, Conde de Redondo. Tinha poderes para aplicar as penas do regimento da caça, (elaborado no reinado de D. Sebastião) a todos os que tomassem falcões sem seu conhecimento devendo entregar-lhos pelos seguintes preços:*

AHMC/ Registo, vol. 5, fl. 1 e segs.

“cada falcão pryma (<i>fêmea</i>) polo(<i>cria</i>),	quatro mil reis
pryma de hua muda.	dous mil reis
pryma de duas mudas, e dahy pera cima	quinhentos reis,
fallcoes treçoes (<i>macho</i>) polo	quinhentos reis
e pelo que for mudado	duzentos reis,
esmerilhão pryma	quinhentos reis”





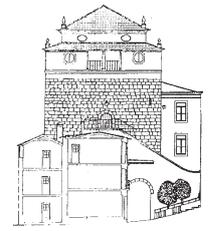
Vitrine 8

TRATADOS DE FALCOARIA

1617 Julho, 5 - Apógrafo do **Tratado de Pero Menino**, falcoeiro de D Fernando, a quem o rei encomendou a elaboração de uma obra sobre Falcoaria. O manuscrito **original do século XIV** perdeu-se conhecendo-se actualmente apenas as cópias do século XVII, entre as quais a mais fidedigna é o exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa .

Biblioteca Nacional de Lisboa

“[...] Dom Fernando pela graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves mandou a Pero Minino, seu falcoeiro, que lhe fizesse hum livro de falcoaria no qual fosse escrito e declarado todas as doenças dos falcões e os nomes dellas, en que maneira se seguião e que sembrante faz o falcão ou ave a cada dor, e per que a o caçador deva conhecer, e per que guiza se deve curar e que mezinhas lhe devem ser feitas e per que guiza outrosy dos embargos, que às aves vem das feridas abertas, e como hão de ser cozeitadas ou não, ou doença que não são abertas e que compre que se abirão, e per que guiza devem ser abertas, e que soldas e que unguentos devem daver, e das pernas quebradas e das asas, e que emprastos hão mister, e per que guiza hão de ser liados, de guiza que a liadura seja firme. E logo en esta tavao que se adiante segue, escrevi as dores que pude e soube conhecer; outrosy declararey en tal maneira que cada caçador, que desta arte queira uzar, possa ser mestre de curar sua ave; e na segunda tavao sam postas as soldas e mezinhas que às dores são compridouras [...]”



Tavoa dos capitulos das dores dos Falcões

1º Capitulo da aguoa vidrada

2º Das gorzemas (*gosma*)

3º Do papo do falcão que he cheo de vento

4º Dos regeitos velhos

5º Do embuchamento do bucho

6º Das lombrigas que são geradas no bucho

7º Das lombrigas que são chamadas firlandas

8º Da pedra

9º Da fistola

Xº Do proido que o falcão ha nas pernas [e] çomcas

XIº De quando sai a unha do falcão do dedo

XIIº Dos cravos

XIIIº Dos pés inchados

[...]

**Tavoa das mezinhas e soldas que sam compridoiras em
emfermidades dos falcões e das outras aves caçadoras**

maminha

a zargatoa

semente dalforfes

solda raca

sangue de dragão

azevar secotrim

acevar patico

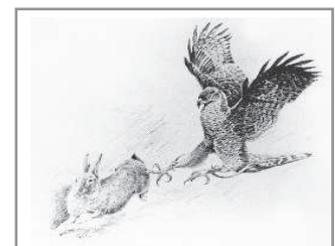
mastiz

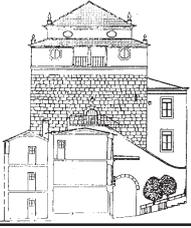
agaces

açucar branco

açucar candil

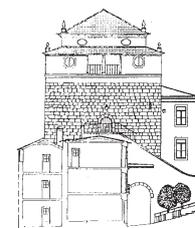
açafão





erva lombrigueira
çumo de codesso
çumo de piponela
azinharve
hua erva que chamam deucar
semente de erva mendinha
çumo do funcho
incensso
almecega
pedra sanguinea
cravos girofes
canela
flor de canela
espique
noz da India
alcatira
alosna que resoperi
sabão francês
alvaiade
trementina
enxunda de garça
sinza de vides
cevo de carneiro
azeite
inguento cetrino
catanez
azora

1616 – *Portada do tratado de Diogo Fernandes Ferreira, intitulado A Arte da caça de Altanería, impresso em Lisboa e dedicado a D. Francisco de Mello, Marquês de Ferreira e Conde de Tentúgal. Biblioteca Nacional de Lisboa.*



“Quando me dispuz a escrever esta sciencia da caça de altaneria, meu principal intento foi mostrar aos meus naturaes uma arte com a qual fugissem à ociosidade, e os príncipes e senhores tivessem homens scientes e praticos que os soubessem n’ella servir com satisfação e agradar com experiencia.”

1844-1853 –*Traité de Fauconnerie* dos autores holandeses H. Schlegel e A. H. Verster de Wulverhorst que encerra esta mostra documental. As reproduções das gravuras que apresentam as várias espécies de falcões utilizadas nesta exposição são aguarelas de Wolf, conservadas, actualmente, no Museu de História Natural de Paris e elaboradas para ilustrar esta publicação oitocentista de uma arte plurissecular.

Museu de História Natural de Paris

Mesa Vitrine

ACESSÓRIOS DE FALCOARIA

Falcoaria da Coudelaria de Alter

Luva de Falcoeiro

Bornal de Falcoeiro

Rol ou Reclamo Simples

Rol Articulado com Asas

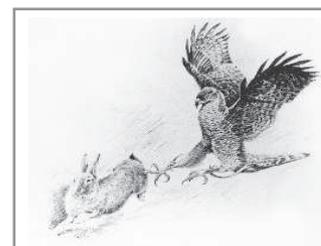
Avessada

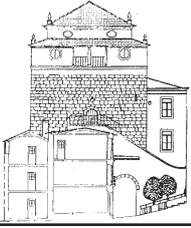
Conjunto de Piós, Almeris e Cascaveis

Torneis

Banco para falcões de modelo árabe

Banco para falcões de modelo tradicional





28

a h m c

E x p o s i ç ã o

Caparão de águia real

Caparão de modelo holandês

Caparão de modelo oriental

Caparão de modelo árabe

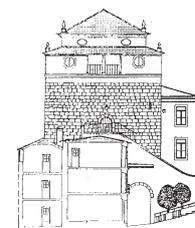
Caparão de cortesia

Caparão simples de trabalho

Penas remiges e retrizes de falcão



C e t r a r i a



NOTAS

¹ Saúl Gomes explica esta técnica: “Na caça à perdiz (e não só), uma das técnicas utilizadas era a da chamada caça com boi, que consistia em o caçador se disfarçar com a pele deste animal e aguardar que as aves se aproximassem para então as apanhar.” GOMES, Saúl - *Mundo Rural e o Mundo Urbano*, in “Nova História”, dir. de Joel Serrão vol. III, Lisboa, 1996, p. 442.

² Tipo de archote usado para encandear os animais e também usado na pesca nocturna.

³ AHMC/ *Cartas Originais dos Reis*, nº 29, fl.212.

⁴ *Livro I da Correia*, transcrição de J. Pinto Loureiro, Coimbra, 1938, p. 48.

⁵ AHMC/*Vereações, 1571-1572*, fl. 55v, Doc. 4 da exposição.

⁶ Registo da Carta de D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, Caçador-mor, nomeando Pero Teixeira Feo para Meirinho e Guarda dos Campos de Coimbra, em 10 de Fevereiro de 1641. AHMC/*Registo*, vol. 26, fl. 232..

⁷ AHMC/*Registo*, vol. 1, fl. 149v, Doc. 3 da exposição

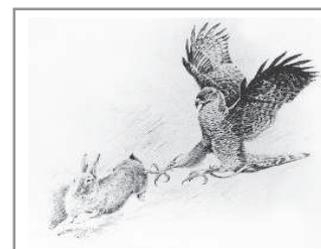
⁸ AZEVEDO, Rui; [et al.] - *Documentos de D. Sancho I (1174- 1211)*, vol. 1, p. 309.

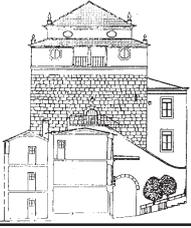
“Adhuc concedo ut nunquam teneatis in domibus vestris meos aztorarios neque falconarios neque balistarios, neque detis eciam vestras bestias meis aztorariis neque falconariis quod ducant illas ad ripariam”.

⁹ COELHO, M. H. Cruz e RILEY, Guilherme - *Sobre a caça medieval*, in “Revista de Estudos Medievais”, nº 9, 1988, p. 243.

¹⁰ Sobre este assunto veja-se a detalhada análise que Rodrigues Lapa faz dos apógrafos manuscritos da Biblioteca Nacional, Ms. 518 da secção Pombalina e Ms. 2294 F. G. e o Ms. 821 do núcleo Sloane do Museu Britânico, na obra intitulada *Livro de Pero Menino*, Coimbra, 1931.

¹¹ Citado por M. H. da Cruz Coelho e Guilherme Riley, *ob. Cit.*, p. 247.





Bibliografia



ALBUQUERQUE, Martim de – *A Torre do Tombo e os seus Tesouros*, Lisboa, 1990.

CEPEDA, A. Abreu - *À volta da falcoaria*, Penafiel, 1994.

CHAMERLAT, Christian Antoine de – *La Fauconnerie et l'art*, A. C. R. Édition, Paris, 1986.

CHRONICA del Rei Dom Fernando, ed. Academia das Ciências, Lisboa, 1925.

COELHO, M. Helena da Cruz e RILEY, Carlos Guilherme - *Sobre a Caça Medieval*, in “Revista de Estudos Medievais”, nº 9, Porto, 1988.

FALCOARIA REAL, *Catálogo da expsição de 17/11/89 a 18/01/90*, Museu Nacional dos Coches, Lisboa, IPPC, 1989.

FERREIRA, Diogo Fernandes - *A arte da caça de altanaria*, Lisboa, 1616.

LAPA, Rodrigues – *Livro de Falcoaria de Pero Menino*, Coimbra, 1931.

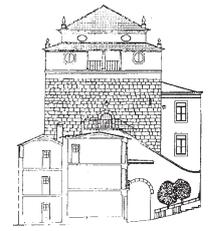
MARQUES, A. H. Oliveira - *A sociedade medieval portuguesa*, Lisboa, 1964.

TORRES, Rui de Abreu - *Caça*, in “Dicionário de História de Portugal”, vol. 1, p. 418-419.

GRAVURAS:

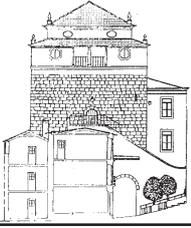
CHAMERLAT, Christian Antoine de – *La Fauconnerie et l'art*, A. C. R. Édition, Paris, 1986.

CRÓNICA DE D. AFONSO V de Rui de Pina, Manuscrito do AHMC



PATROCÍNIOS:





32

a h m c

E x p o s i ç ã o



C e t r a r i a

F I C H A T E C N I C A

Título: *CETRARIA*
Edição: *A. H. M. C./ C.M.C.*
Infografia: *IBP & PF*
Reprodução: *Policopiado*
Tiragem: *200 exemplares*
Ano de edição: *1998*



Câmara Municipal de Coimbra
Arquivo Histórico Municipal
COIMBRA